CAAL – Clube de Actividades de Ar Livre

Hornachos

1 e 2 de Novembro de 2008

Actividade realizada por Rui e Manuela Queirós

Geografia

A Sul da província espanhola de Badajoz, entra as veigas do Guadiana e os contrafortes da Serra Morena, estende-se uma vasta peneplanície ondulada, com cotas entre os 300 e os 400m, de terra argilosa e avermelhada, conhecida por **"Tierra de Barros".**

O clima, mediterrânico com influência continental, quente e seco, é compensado pela fertilidade dos solos e o labor dos agricultores que conseguem boas produções de culturas de sequeiro como cereais, vinha e olival e exploram os pastos com um considerável efectivo de gado bovino e ovino, criando uma paisagem diversificada em que as diferentes folhas de cultivo, vistas ao longe, se assemelham a uma manta de retalhos.

A nascente, fechando o horizonte e constituindo a divisão natural com a região de **"La Serena"**, ergue-se a **"Sierra Grande"**, imponente crista de quartzitos do paleozóico, de orientação NW-SE, com gigantescos penhascos que se levantam abruptamente da peneplanície, com desníveis de quase 600m, permitindo desfrutar de extensos panoramas e dos fortes contrastes paisagísticos. O Rio Matachel está represado no **"Embalse de los Molinos"**, formando um espelho de água de grande atractivo natural.

Território habitado desde tempos imemoriais, tem numerosos vestígios arqueológicos dos quais se destacam as pinturas rupestres em abrigos naturais do período compreendido entre o **Neolítico** e a **Idade do Bronze** (2.000 a 3.000 a.C.) e as ruínas do Oppidum romano de Hornachuelos. Do **período islâmico**, que durou até ao séc. XIII, ficaram as calçadas, as hortas, os sistemas de irrigação, as ruínas do castelo roqueiro de Hornachos e a arquitectura popular.

Ribera del Fresno

Vila de 3292 habitantes, de **fundação árabe**, cuja economia depende da agricultura e pecuária. Segundo a tradição o seu nome vem de um grande freixo que existiu junto ao ribeiro de Valdemedel, que atravessa a povoação.

Foram seus filhos ilustres: **Juan Meléndez Valdés** (1754-1817), homem ilustrado e político, considerado **o maior poeta espanhol do séc. XVIII** e **San Juan Macías** (1585-1615) que partiu para o Peru onde professou na Ordem Dominicana. Está sepultado em Lima. São-lhe atribuídos diversos milagres, entre eles o da multiplicação dos pães em Olivença e salvar a vida de um porco que caiu num poço. Foi beatificado e finalmente canonizado em 1975.

Nela destacam-se as suas **casa caiadas**, de uma alvura ofuscante, adornadas com **bonitos balcões e janelas** protegidas com grades. Tem um grande conjunto de mansões senhoriais, algumas construídas por "conquistadores" que enriqueceram nas colónias americanas, com bonitas fachadas barrôcas.

Das suas casas destacam-se as seguintes:

Calle San Juan Macías, 2 – **Casa de la Cultura**, antiga casa/palácio dos senhores de Valmoreno, construída no séc. XVIII num estilo com influência portuguesa. Foi doada em 1991 por Don José M.ª Vargas-Zúñiga Y Ledesma para actividades sociais e culturais. Nela está instalado o Centro de Interpretação do Cerro de Hornachuelos.

Calle San Juan Macías, 11 – **Casa de los Gragera**, antiga casa dos Marqueses de Fuentesanta, construída no séc. XVIII, com belos gradeamentos nas janelas e varandas.

Calle Cura, 10 – **Casa del Marqués de Bazo**, com uma bela fachada barroca do séc. XVIII.

Calle Ayuntamiento, 6 – **Palacio de Quintanilla**, construído entre os séculos XV e XIX, foi residência do Comendador da Vila. Pertenceu ao Conde de Quintanilla, Duque de Estrada e Marqués de la Encomienda.

O **Centro de Interpretação do Cerro de Hornachuelos** exibe uma maqueta da estação arqueológica, um curto audiovisual intitulado "Los Orígenes de la Romanización en Extremadura" e uma pequena exposição ordenada em cinco temas principais: história da investigação, o oppidum de Fornacis, a necrópole e ritos funerários, Fornacis e o seu território e o seu contexto histórico e arqueológico.

Oppidum de Hornachuelos

Situado num cabeço elevado, entre Ribera del Fresno, Hinojosa del Valle e Hornachos, donde se disfruta uma vasta e bela panorâmica sobre a Tierra de Barros com os seus campos e pastagens, vinhas e olivais e a Sierra Grande ao fundo, tem acesso pela **Cañada Real Leonesa, antiga via pecuária que ligava Sevilla a Madrid**, por onde transitavam as manadas e rebanhos transumantes nas deslocações estacionais entre o norte e o sul de Espanha. A poente do cabeço vê-se, em baixo, uns antigos currais de porcos com as cabanas circulares dos pastores que testemunham uma actividade e um modo de vida desaparecidos.

Nesta posição estratégica sobre o vale do Rio Matachel existiu, entre meados do séc. II a.C. e finais do séc. I d.C., um dos *oppida* (cidades fortificadas) da Beturia, nome que os autores clássicos deram ao território compreendido entre o Guadiana e a Sierra Morena. É provável que **Hornachuelos** fosse *Fornacis,* um oppidum citado por C. Ptolomeu.

Embora já citado em bibliografia de finais do séc. XIX devido à descoberta de uma lápide romana, as escavações e investigação foram realizadas entre 1986 e 1997 pelo Dr. Alonso Rodríguez Díaz da Universidade da Extremadura. As ruínas foram consolidadas e o espaço preparado para receber visitantes, com painéis interpretativos, em 2002, no âmbito do projecto "Alba Plata" da Consejeria de Cultura da Junta de Extremadura.

Nas ruínas, que ocupam uma área de 5ha, onde há vestígios de exploração de inertes ou mineira de finais da **Idade do Cobre ou Calcolítico** (2.000-1.800 a.C.), são ainda visíveis os restos de duas linhas de muralhas com fosso, de ruas perfeitamente traçadas, de cabanas e casas de habitação, duas cisternas e uma necrópole da época romana.

Hornachos

Vila de 3829 habitantes, situada a cerca de 500m de altitude na encosta SW da Sierra Grande, num local escabroso, de extraordinária grandiosidade e beleza paisagística, entre dois vales rodeados de montados de sobro e azinho e de matagais, com uma economia dependente da agricultura e pecuária, destacando-se os **presuntos e**

enchidos de porco preto ibérico. O seu nome que, etimológicamente, vem de fornos, tem origem na Fornacis romana surgida em torno das minas que ali existiram.

As **pinturas rupestres** que proliferam nas suas redondezas evidenciam antigos assentamentos préhistóricos. Mais tarde foi um **castro celta**. Povoada no tempo dos **visigodos**, a tradição assinala-a como tendo sido refúgio de Santo Hermenegildo, quando fugiu de seu pai, o arriano Leovigildo. Manteve-se povoada durante a **ocupação muçulmana**, datando dessa época a primitiva fortaleza.

A sua fortaleza roqueira, onde a população se acolhia, era um bastião de importância estratégica para o domínio dos territórios circundantes que marcou os limites com os **reinos mouros de Badajoz e Toledo** e posteriormente das jurisdições das **Ordens de Santiago** (Tierra de Barros) **e de Alcántara** (La Serena).

Em 1234 foi ocupada pela Ordem de Santiago, integrando os seus domínios como cabeça de "Encomienda". Em finais do séc. XIV era cabeça de "Partido" com jurisdição sobre 14 aldeias e sede de um Governador, estatuto que manteve até 1640, quando, devido à sua decadência, passou para Llerena.

Após a reconquista, continuou a ser habitada pela **população mourisca** que ali se manteve até á sua expulsão, em 1610. Durante esse tempo não houve em Hornachos praticamente mais cristãos do que o Comendador da Ordem de Santiago, o pároco e os monges do convento franciscano. Em consequência da sublevação dos mouriscos que se mantinham no seu reduto fortificado, o Rei Carlos I (Carlos V da Áustria) mandou, em 1526, demolir o castelo e deslocar a população para o sopé do seu morro rochoso, onde surgiu a Vila actual. **Em finais do séc. XVI Hornachos tinha mais de 10.000 habitantes**, sendo a maior comunidade mourisca de Espanha. Após a sua expulsão, os mouriscos de Hornachos estabeleceram-se em Salé, junto a Rabat, capital do Reino de Marrocos, onde fundaram uma república pirata que se manteve activa durante muitos anos.

O casario de Hornachos, alcandorado na encosta do morro do castelo, conserva ainda restos do antigo urbanismo como ruas declivosas e tortuosas, casas com elementos construtivos mouriscos, mansões fidalgas de fábrica barroca dos séculos XVII e XVIII e as fontes tradicionais que formam recantos de grande pitoresco.

Os principais monumentos são:

Castelo Árabe – fortaleza defensiva, construída em adobe pelos árabes, sobre um antigo castro pré-romano. Após a sua conquista, em 1234, pela Ordem de Santiago, foi reconstruído com blocos de pedra criando-se um castelo de grande importância defensiva, com habitações, pátios, cavalariças, cisternas, torre de menagem e uma ponte levadiça na entrada principal. Das suas ruínas tem-se uma grandiosa vista panorâmica sobre o casario da Vila, a vasta planície estendendo-se até ao infinito e aos confins da Andaluzia, a albufeira da Barragem do Rio Matachel e a Sierra Grande com os seus dois vales encaixados.

Igreja Matriz da Puríssima Conceição – obra mudejar de estrutura basilical com três naves divididas por arcos de ladrilho e cabeceira com abóbada de nervuras, declarada "Monumento de Interés Histórico Artístico". Foi mandada construir pelos Reis Católicos em 1493, terminando-se em 1575. A cobertura é de madeira lavrada com o escudo dos Reis Católicos, destacando-se no interior o retábulo maior, peça classicista do séc. XVIII, a imagem da titular e a pia baptismal, primorosa peça de alabastro de Juan Bautista Vásquez, el Viejo, de Valencia de las Torres. No exterior destaca-se a torre-

fachada de estilo mudejar, dividida em três corpos com decoração de ladrilhos, ressaltando o campanário no qual se abrem 24 vãos, 6 de cada lado.

Convento Franciscano de San Ildefonso – fundado em 1526 por Carlos I, com cabeceira de abóbada de nervuras, conserva um rico conjunto de retábulos e pinturas no interior. Na sua fachada, actualmente muito degradada, destaca-se o escudo imperial de Carlos I. Na pequena praça, diante da igreja, há um velho cruzeiro.

Pósito – no ponto mais alto da Vila encontra-se o velho celeiro público, com capacidade para 8.000 "fanegas" de trigo. Sólida construção abobadada de ladrilhos que se supõe ter sido a antiga mesquita. No terraço tem um amplo miradouro que domina toda a Vila com o casario branco e a torre mudejar da Igreja Matriz em primeiro plano e a planície da Tierra de Barros com a albufeira da Barragem de Los Molinos ao fundo. Daqui parte a antiga calçada árabe de acesso ao castelo e à Serra.

Casas Consistoriales – moderno edifício da Câmara Municipal, de arquitectura integrada na paisagem urbana, construído em 1982 no local da demolida ermida de S. Roque. Preside à praça principal da Vila que se encontra sobreelevada para se adaptar ao forte declive do terreno. Entre esta praça e a Igreja Matriz ficam o antigo Hospital e a Casa do Governador.

Ermita de los Remedios – fundada no séc. XVI e totalmente remodelada em 1892, no centro de uma bonita praça coberta de palmeiras que constitui um dos mais aprazíveis locais da Vila. É um local de grande devoção da população onde, em Setembro, se celebram as festas patronais.

Fontes Tradicionais – algumas construídas durante o reinado de Carlos I e decoradas com o escudo imperial dos Áustrias, com bebedouro para o gado e pilar de suporte para os cântaros, constituem alguns dos mais pitorescos e aprazíveis recantos da Vila. Destacam-se o Pilar de las Palomas, o Pilar de los Cuatro Caños, o Pilar de San Francisco, a Fuente de los Moros e a Fuente de los Cristianos.

O **Centro de Interpretação da Zona de Interesse Regional (ZIR) "Sierra Grande de Hornachos"**, situado nos antigos silos que foram adaptados para o efeito, contém quatro salas de exposição: Sala da Natureza, Sala de Audiovisuais, Sala dos Sentidos e Sala da Cultura. Cada sala expõe uma série de conteúdos recorrendo a meios interactivos para informação e sensibilização dos visitantes para os valores naturais, patrimoniais e culturais da Sierra Grande de Hornachos e a sua conservação. Dispõe de um audiovisual com cerca de 10 minutos que apresenta os valores mais importantes da zona e que serve para transmitir, de forma amena, os conteúdos expostos no Centro de Interpretação.

Sierra Grande

A **Serra de Hornachos** constitui a formação orográfica mais meridional das serras centrais da Província de Badajoz, emergindo, isolada, da planura da Tierra de Barros, como uma ilha que domina a paisagem e se avista de grande distância.
Os seus cumes e encostas protegidos por **grandes afloramentos de quartzito**, constituem um reduto de vegetação mediterrânica original com bosques e matagais de espécies escleróphilas, enquanto que no sopé e áreas planas periféricas há extensos **montados de sobro e azinho**.
Este meio diversificado constitui um espaço de grande valor ecológico como habitat de muitas espécies de aves e outros elementos da fauna regional, em que se destaca **uma importante colónia de grifos** (Gyps fulvus), pelo que se encontra legalmente

protegido como **Zona de Interesse Regional (ZIR) e Zona Especial de Protecção de Aves (ZEPA).**

Flora: na reserva biológica da Sierra Grande foram inventariadas mais de 450 espécies de plantas que se encontram agrupadas em **cinco tipos principais de formações vegetais:**

- **Azinhais** – a maior parte das azinheiras (Quercus rotundifolia) encontram-se em formações de montado com retamas (Lygos sphaerocarpa) e carrascos (Quercus coccifera). A destruição dos azinhais dá lugar a formações secundárias de matagais de esteva (Cistus ladanifer), tojo (Genista hirsuta), urze (Erica australis) e rosmaninho (Lavandula stoechas). Os azinhais das ladeiras mais soalheiras apresentam espécies indicadoras de maior termicidade como aroeiras (Pistacia lentiscus), zambujeiros (Olea europaea var. sylvestris), espargos brancos (Asparagus albus), estevinhas (Cistus monspeliensis) e roselhas (Cistus crispus).

- **Sobreirais** – encontram-se principalmente nas umbrias (ladeiras sombrias expostas a norte) e em solos mais profundos e frescos. Não obstante, é frequente encontrar formações mistas com azinheiras. As espécies arbustivas companheiras mais representativas são o medronheiro (Arbutus unedo), o folhado (Viburnum tinus) nas umbrias e a aroeira nas soalheiras, o estevão (Cistus populifolius) e o lentisco (Phillyrea angustifolia).

- **Zambujais** – nas exposições mais soalheiras e secas, por vezes associadas às cascalheiras de quartzito, são frequentes as manchas de zambujal. Nelas são frequentes o espargo branco e o sanguinho (Rhamnus oleoides).

- **Zimbrais** – nas zonas mais altas da Serra e associadas às penedias de quartzito, aparecem espectaculares formações de zimbros (Juniperus oxycedrus). Nas fissuras das cristas da Serra foi descoberta uma planta da família das Geraniaceas, o *Erodium mouretii*, endemismo ibero-mauritano que apenas existe nalguns enclaves montanhosos da Extremadura, Andaluzia e norte de Marrocos.

- **Vegetação ribeirinha** – a maior parte dos cursos de água da Serra são de carácter temporário com uma vegetação perfeitamente adaptada aos períodos de seca prolongada composta principalmente por loendros (Nerium oleander) e tamujos (Securinega tinctorea). Embora muito degradadas pela acção do homem, ainda é possível encontrar restos das galerias ripícolas de freixo (Fraxinus angustifolia) e tamargueira (Tamarix africana).

-

Fauna: na ZEC-ZEPA foram inventariadas um total de 228 espécies de vertebrados, 11 de peixes, 7 de anfíbios, 15 de répteis, 167 de aves e 28 de mamíferos.

As penedias de quartzito são ocupadas por espécies como a **águia real** (Aquila chrysaetos), a **águia de Bonelli** (Hieraetus fasciatus), o **falcão peregrino** (Falco peregrinus), o **grifo** (Gyps fulvus), o **abutre negro** (Aegypius monachus), o **abutre do Egipto** (Neophron percnopterus) e o **bufo real** (Bubo bubo).

Nos montados de sobro e azinho são frequentes outras rapinas como a **águia cobreira** (Circaetus gallicus), o **milhafre preto** (Milvus migrans), o **milhafre real** (Milvus milvus), a **águia de asa redonda** (Buteo buteo), a **águia calçada** (Hieraetus pennatus), o **gavião** (Accipiter nisus), o **bufo pequeno** (Asio otus),

a **coruja do mato** (Strix aluco). A ave de rapina mais ameaçada da Península Ibérica, a **águia imperial ibérica** (Aquila adalberti), também existe na área.
Nos rochedos e nas proximidades do castelo é possível observar algumas espécies características destes espaços como o **melro azul** (Monticola solitarius), o **chasco preto** (Oenanthe leucura), o **rabiruivo preto** (Phoenicurus ochruros), a **ferreirinha alpina** (Prunella collaris) e a **gralha de bico vermelho** (Pyrrhocorax pyrrhocorax).
Nas zonas de bosque e matagal muito denso, destaca-se a presença, na Primavera, do **rouxinol comum** (Luscina megarhynchos), da **toutinegra de cabeça preta** (Sylvia melanocephala), da **carriça** (Troglodytes troglodytes) e da **trepadeira comum** (Certhia brachydactyla). No Outono e Inverno, os frutos silvestres atraem numerosa espécies migratórias e invernantes como o **pisco de peito ruivo** (Erithacus rubecula), o **dom-fafe** (Pyrrhula pyrrhula) e o **bico grosso** (Coccotrahustes coccotrahustes).
Nas zonas mais abertas, com pastagens ou cereais, destaca-se a presença da **cotovia** (Galerida theklae), da **calhandra comum** (Melanocorypha calandra), do **chasco cinzento** (Oenanthe oenanthe), o **cortiçol de barriga branca** (Pterocles alchata), o **cortiçol de barriga preta** (Pterocles orientalis), o **sisão** (Tetrax tetrax), o **alcaravão** (Burhinus oedicnemus) e o **tartaranhão caçador** (Circus pygargus).
Nas zonas rochosas e com matagais é possível encontrar **répteis** como a cobra de ferradura (Coluber hippocrepis), a cobra de escada (Elaphe scalaris), a cobra rateira (Malpolon monspessulanus) e a víbora cornuda (Vipera latasti).
Nos **mamíferos** encontram-se o coelho (Oryctolagus cuniculus), a lebre (Lepus capensis), o javali (Sus scrofa), a gineta (Genetta genetta), o saca rabos (Herpestes ichneumon), o texugo (Meles meles), a marta (Martes Foina), a doninha (Mustela nivalis), o gato bravo (Felis silvestris) e a raposa (Vulpes vulpes).

Finca Valle de los Corraletes – situada no coração da Sierra Grande, integra o seu ponto mais elevado, o **Peñón de Marín**, com 956m. A sua geomorfologia assemelha-se a um vale glaciar, encaixado entre as cristas de quartzito e saída pelo histórico e encaixado **Vale dos Mouros**. Tem extensas cascalheiras, constituindo um autêntico ecossistema de pedra e zimbros. Está cheia de restos de habitações, casas e currais de pedra, donde vem o nome do local "Corraletes". No período islâmico, este vale era passagem obrigatória do correio entre o castelo de Hornachos e o de Medellín, através da chamada **"Senda Moruna"**.
Até aos anos 40 foi uma antiga exploração agrícola e pecuária familiar.
Em 1992 foi adquirida pela ADENEX – Associação para a Defesa da Natureza e dos Recursos da Extremadura que restaurou a antiga casa, no cimo do vale, para uso educativo e arrendou a propriedade a um caprinicultor, para aproveitamento dos pastos e conservação das práticas tradicionais de exploração sustentada dos seus recursos.

Texto elaborado pelo sócio Rui Queirós

Programa da Actividade

Sábado, 1 de Novembro de 2008

7 h 00 - Partida de Lisboa em autocarro.
12 h 00 - Chegada a Ribera del Fresno com percurso pelas ruas e visita ao Centro de Interpretação do Cerro de Hornachuelos.
13 h 00 - Partida, de autocarro, para o Embalse de los Molinos.
13 h 30 - Inicio da caminhada para o Cerro de Hornachuelos.
14 h 00 - Piquenique no Cerro de Hornachuelos.
15 h 00 - Visita ao Oppidum romano de Hornachuelos.
15 h 45 - Caminhada de regresso ao Embalse de los Molinos e ao autocarro.
17 h 00 - Partida, de autocarro, para Hornachos.
17 h 15 - Visita ao Centro de Interpretação da Sierra Grande, em Hornachos.
18 h 00 - Partida, de autocarro, para Villafranca de los Barros.
18 h 30 - Chegada a Villafranca de los Barros e alojamento no Hotel Diana.

Domingo, 2 de Novembro de 2008

8 h 00 - Alvorada.
8 h 45 - Pequeno almoço no Hotel Diana.
9 h 30 - Partida, de autocarro, para Hornachos.
10 h 00 - Visita a Hornachos.
10 h 30 - Início do percurso circular, a pé, pela Sierra Grande.
11 h 00 - Visita às ruínas da fortaleza árabe.
12 h 00 - El Carrascal, vista panoramica.
13 h 00 - Piquenique na Trassierra.
14 h 00 - Continuação do percurso pela umbria da Serra.
15 h 30 - Mirador de la Magrera.
17 h 00 - Peñón de Marín (956 m), vista panorâmica.
17 h 30 - Valle de los Corraletes.
18 h 30 - Chegada a Hornachos e partida, de autocarro, para Lisboa.
19 h 30 - Paragem na A6 para jantar.
22 h 30 - Chegada a Lisboa

Em Espanha indica-se a hora local, mais uma hora do que em Portugal.